

A PROCISSÃO

Depressa, venham vêr a procissão que passa
Entre rolos d'incenso e fardas de mil cores!
Em onda tumultuosa a alegre populaça,
Os anjos do bom Deus, — e alguns commendadores.

O dandysmo devoto apinha-se ás janellas;
Reluzem com o sol as faces dos soldados;
Ha *toilettes* gentis, mulheres muito bellas,
E a burguezia dá serviço de gelados!

Do prestito faz parte a realeza augusta.
Tiremos os chapeus, como fieis vassallos;
Á vista do cortejo, em fim, nada nos custa
Mostrar respeito á egreja, ao rei e aos seus cavallos.

Pacifico animal! ó bembfadado povo,
O teu delirio é isto:—as grandes procissões!
Por ellas te sorri, no sonho, um fato novo,
E corres sem cessar, contente, aos encontrões,

Cuidando ver passar um grande mundo estranho,
Um fantastico mundo aonde mal fluctuas,
Cheio de encantos mil; e crial-o tamanho,
Que pensas não caber em todas essas ruas!

No entanto vamos nós dormindo sem receio
Que a vida é bella assim—forçoso é confessal-o.
Alegra-nos o ver que és obediente ao *freio*,
—Pois tu na cavalgada, ó povo, és o cavallo!



Apontamos hoje á austeridade dos bons e leaes portuguezes, uma extraordinaria e culposa levianidade. Lisboa — devassa Messallina, acceita a côrte do Xequé de Quintangonha! É o Diario de Noticias que o declara nos seguintes termos:

«O xequé passa os dias a bordo do navio, mirando-se nas crystallinas aguas e namorando a cidade.»

Isto é demais! Lisboa, a patria dos Gamas e do Barros, a cidade burguezia e honesta, não pôde sem descer da sua dignidade accetar o amor d'esse D. Juan tenebroso, de tanga, setta e argola no nariz. O xequé pôde perjurar esquecendo-se das suas selvas africanas e das suas venus hottentotes, mas Lisboa é que não lhe deve dar confiança. O infeliz lembra-se ás vezes da sua terra e sente desejo de partir, mas logo pegando no violão e olhando para Lisboa começa a cantar:

«Quero deixar-te mas não posso oh! virgem
«Pois sou captivo d'um poder sublime!»
Que fez a cidade? Em vez de ficar muito séria
com os olhos no chão, pega no sr. Palmeirim e
manda ao xequé um

«sorriso liso
que as almas prende.

*

Mais.

Ha alguns dias na secção de annuncios do Diario de Noticias lia se a seguinte carta de namoro:

«R. O. Amor. Fiz-te hontem um signal com a mão, mas tu não me respondeste. Pucheí pelo lenço, mas em vão. Espera-me á meia noite. Que os teus algozes o não sonhem. Carta no c. g.—X.

Iamos jurar que este bilhete é do perfido seductor. R. O. Rainha do oceano, X, xequé. Querem n'ó mais claro?

Portuguezes, dae leite a beber ao xequé e mandae-o embora quanto antes, ou então esperae que elle roube a capital, e a leve na garupa para o sertão, n'uma corrida vertiginosa, com o poder moderador, o Diario de Noticias, o sr. Brito Aranha e tudo.

Não ha tempo a perder. O rapto está imminente, e a policia nada pôde fazer, porque a infamia será praticada na escuridão da noite, e todos sabem que a essa hora o xequé de Quintangonha é invisivel.

A UNIVERSIDADE



Uma nova importantissima que demonstra quanto o espirito da nossa Universidade é avançado, livre de peias, desprendido de preconceitos. Em toda a parte a mocidade das escolas é quem vae na frente das reformas. Em Portugal a dita mocidade completando os seus cursos decide trez coisas: em primeiro logar não dár o jantar de despedida—o que não nos parece nem bom nem mau; em segundo logar dár esmolas aos pobres—o que nos parece bom; em terceiro logar fazer a seguinte daclaração: *por alma dos reus condiscipulos fallecidos*, o que nos parece pessimo.

Ah! sem essas ultimas palavras as pobres almas dos condiscipulos fallecidos andariam errantes, sem abrigo, até ao juizo final. O purgatorio abraza-os-hia com as suas chammas, e o archanjo Gabriel não lhes estenderia as mãos. Deus estaria a espera das missas do estylo, e sem isso, esses pobres rapazes mortos da flor dos annos não gozariam os esplendores da gloria celestial. Pedimos aos quint'annis

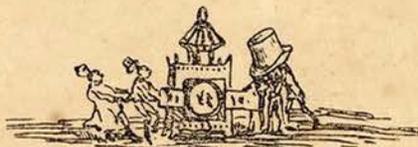
tas da Universidade que no acto de dar as esmo-las, se não esqueçam de pedir — seis padres nossos e seis ave-marias, trez por intenção dos fallecidos, e trez — pelas alminhas das suas obrigações. Amen.



Recommendamos aos nossos leitores a *Revalescieri du Barry*. É tão prodigioso o seu effeito, que ha dias o *Mundo Comico* registava um facto dos mais extraordinarios. Um esqueleto do gabinete anatomico de Madrid tinha tomado um frasco, e transformára-se logo n'um individuo como o sr. Arrobas.

Outro facto não menos eloquente. Um viajante perdera n'uma floresta da America meia duzia de frascos, que levava para seu uso. Um bando de saguis apoderou-se d'elles e passou-os ao estomago. Em menos de vinte e quatro horas o bando de saguis estava transformado n'uma vara de porcos do Alentejo.

A sciencia acaba também de descobrir um facto importantissimo, que vem fazer uma revolução completa na theoria da formação dos mudos. Deus tinha um atomo; pegou n'elle e deu-lhe Revalescieri; o atomo engordou e formou o mundo.



Quinta feira, dia do Corpo de Deus, fomos obrigados a acreditar na Providencia, apezar de tudo.

Quando estava na rua o cortejo carnavalesco de S. Jorge, eis que a face do ceu, como que envergonhada, se cobriu de espessas nuvens negras e uma violenta trovoadá abalou os espaços, como outr'ora a voz de Gehovah indignado.

A procissão estava na rua. O puro sentimento religioso soffria um ultrage, e na sua face purissima estalava uma bofetada, por intermedio d'aquelle cortejo digno de terça feira de entrudo.

Os relampagos fuzilavam; os horisontes accendiam-se em linhas de fogo, e pelas concavas regiões da atmospherá ribombava o estampido dos trovões. Grossas cordas de chuva, precipitaram-se com violencia sobre Lisboa, no momento em que a figura grottesca de S. Jorge sahia para a rua. A confusão foi indiscriptível. Um com a vella em pu-

nho abandonava o posto e sumia-se por uma escada; outro queria largar o pallio.

Uma bomba estourando ao pé d'um ninho de ratos não produz maior desordem. O rei, a corte, os titulares, a camara, tudo tomou um banho — contra vontade. Eram d'um comico unico, as opas molhadas, as fardas escorrendo, os calções enlameados. O sr. Fontes foi visto pela primeira vez com o cabelo e o bigode brancos. O sr. Mesquitella, que também fazia parte do cortejo, pela primeira vez na sua vida, parecia um ancião. Alguns titulares barbudos, distinguindo-se, apresentavam o aspecto venerando de patriarchas hebreus, com barbas apostaticas, cõr da neve. Foi um desastre para o catholicismo — e para a agua circasiana.

Algumas pessoas quizeram affrontar a colera das nuvens, e ficar a pé firme. Foram poucas. No momento em que a chuva engrossou houve um «salve-se quem poder» e cada um correu para seu lado.

Os irmãos atravessavam as ruas vertiginosamente como gatos pingados; os commendadores pareciam frangos ensopados, dando ás de villa Diogo; era admiravel! E no meio d'aquella confusão, d'aquella balburdia, d'aquelle dispersar tumultuosoliam-se nas esquinas, em grandes letras brancas, sobre fundo preto as seguintes palauras:

O dedo de Deus.

O mais triste, porem, é que no meio de toda aquella scena comica, alguém soffria silenciosamente um barbaro supplicio.

Ao meio dia tocara a recolher nos quartéis, e desde essa hora, até ás seis, a guarnição de Lisboa não tinha tido um momento de descanso. A tropa formava alas pelas ruas, e, depois de duas ou trez horas de sol, apanhava a pé firme, durante talvez uma hora, a chuva terrencial que aos céos aprouve lançar sobre a procissão de corpus Christi. Era enternecedor. A agua caía sobre as barretinas dos soldados, escorria-lhes pela cabeça, entrava pela gola do casaco, atravessava todo o corpo, e sahia em bica por baixo das calças. A inquisição esquecera este supplicio. Contudo não se ouviu uma unica queixa da bocca d'aquelles homens, pacientes e disciplinados. A patria pode exigir d'elles todos os sacrificios; — estão promptos a fazel-os; mas o S. Jorge ou o sr. cardeal Patriarcha não tem direito nenhum a isso. É glorioso affrontar as intemperies das estações, n'uma guarda avançada, mas é de desesperar soffrel-as por cauza de meia duzia de ridiculos personagens, e de outros tantos balandras grottescos, formando álas pelas ruas, a uma mascarada — digna dos bailes da Triddade — embora considerada religião do estado.

RARIDADES PORTUGUEZAS, por Bordallo Pinheiro

SCENAS DA PROCISSÃO

Os Pretos recusam-se a acompanhar a procissão. Pousam os instrumentos e não ha movel-os. Temos cõversado, exclamam; S. Jorge que se arranje como quizer. Nós faziamos-lhe um cortejo brilhante. Estavamos promptos para tudo. Como nos pagou elle? Dando um regulo a Castello-Branco! Abaixo os tyrannos! Que se arranje com os antigos pretos.



São substituidos, com vantagem e economia para o thesouro, pelos



professores de instrução primaria, — com
pós de sapatos.

Fosseis anti-difusivos.

Só os possui, a procissão do Corpo de Deus.

CHRONICA DAS RUAS, por Manuel de Macedo



— Homem! Se eu fundasse um banco!? Mas de que?
 — De ferrador. Os outros quebram, este concerta.



O ex.^{mo} sr. Miguel Maximo, deputado por Villa Nova de Famalicão festejou a abertura do caminho de ferro do Minho, com uma esplendida poesia cheia de entusiasmo, de colorido e de vigor. Villa Nova mal viu esta produção disse: ditosa patria que tal filho teve; o povo ficou contentissimo, e a cabeça de comarca sentiu-se orgulhosa. O entusiasmo foi indiscriptivel; os sentimentos nacionaes, feridos em sua corda mais intima, expandiram-se em jubilos; os vivas á carta foram cheios de ani-

mação; o povo correu presuroso á beira da estrada saudar o governo; os foguetes não se poderam ter que não subissem aos ares, pelo prestigio da poesia — e do murrão. Foi um delirio!

Registe-se para gloria d'este sr. deputado, que o extraordinario enthusiasmo que se notou em toda a extensão da linha, não foi devido á inauguração, como as folhas opposicionistas tentaram fazer acreditar, mas sim á funda impressão que no animo do Minho causou aquelle inspirado trecho. O principe da poesia portugueza mal teve noticia do acontecimento telegraphou logo ao sr. Maximo nos seguintes termos:

«Debaixo olaia 23, ouvindo cigarra Anachreonte. Presadissimo confrade. Musa portugueza jubilos.

Poesia, não poesia: poema. Virgilio inferior, bucolicas. Muito saudar. Aperto ambas mãos.

Castilho.»

Infelizmente só podemos dar aos nossos leitores a primeira quadra da inspirada composição; é a seguinte:

Hoje exultam os famalienses
N'este dia de fausta ovação,
Que á formosa provincia do Minho
Dá mais vida, riqueza e acção.

Mandamos vir o resto da poesia a toda a pressa,—pela grande velocidade, mas já não chegou a tempo.

Em todo o caso aqui fica denunciado o novo bardo aos editores e á policia; pedimos para elle uma corôa de louros, e, sendo possivel a guilhotina.



Ó Coelho, a tua folha
Vale mais do que um erario.
És um gajo, és uma rolha,
És um co-proprietario.

Diz-me lá quanto reunes,
Tu, e o Thomaz Antunes?

Nos districtos e concelhos
De Portugal—toma nota!
Só tens rival nos Coelhos
Da Porcalhota.

Valha-te Deus... e o Araujo!
Chama o Pégaso, e depois
Que o tal sobredito cujo
Vos tome a lição aos dois.

Oh! que threnos soluçados!
Oh que alegria sincera!
Que amores tão gorgeados
Na volta da primavera.

E toda a gente dirá
Lendo os canticos de fogo
Impressos em papel pardo:
—Pégaso é bom pedagogo!
Dá boas lições, olá!
Por isso o tal Eduardo
É um bardo.



A feira das Amoreiras succedeu aos debates parlamentares, como as coisas boas succedem ás más. Aos rasgos de eloquencia:

«Quando pela minha testada passa um lamento...» ou

«Xerxes, Artaxerxes e outros cavalheiros da antiguidade...»

Seguiram-se na ordem fatal dos acontecimentos estes e outros rasgos não menos apreciaveis.

— Salta meio rim grelhado!

— Meia doze de coelho!

— Dois decilitros!

etc etc etc

A gente sae de caza ao fim da tarde, chama uma tipoya, e entrega-se de corpo e alma a uma d'essas ineffaveis creaturas que tambem sustentam nas mãos as redeas do governo. Medita um instante no aphorismo popular, que diz: o homem põe e o cocheiro dispõe, e revestindo d'uma coragem antiga, á Leonidas, manda rodar.

A tipoya pula como um cabrito montez sobre as anfractuosidades das ruas, dá saltos mortaes, range, contorce-se para dentro e para fóra, envergonha as locomotivas portuguezas, põe-nos a vida em risco, o credo na bocca, faz-nos cair a alma aos pés, e chega sempre a salvamento.

É delicioso.

Estamos n'uma região oriental, n'uma especie de bazar arabe, n'um mercado de Tunis, á circumvallação; a feira das Amoreiras é incontestavelmente a Stambul do peixe frito.

O funambulesco e o estomacal aproximou-se indefinidamente.

— Senhores vae começar a função!

— Alto aqui! Barraca da Julia!

As primeiras imposições assim como os primeiros pensamentos são sempre as mais falsas. Por isso aconselhamos o leitor a obedecer á segunda.

Entra-se. Como tudo é bucolico! Um tronco d'arvores no meio da casa sustenta os tectos de lona; mezas rusticas feitas a machado, estendem-se cheias de contas e de nodoas; banquinhos campestres do tempo de Paulo e Virginia convidam ao repouso. A toalha da meza é sempre um sudario—de Termo, — porém como os sudarios não são indispensaveis a estas festas, fóra com elle.

Venha a lista!

Horror!

Quantos erros de grammatica! Foi-se o appetite? Nem por isso. Coragem! Examinemos o que

nos offerece esta profanação á lingua portugueza, este ensaio do methodo do sr. Castilho—escrever como se falla. Elles fallam assim.

Copiamos textualmente, com a devida venia:

LISTRA

Sopa de pon
Bife
Carneiro com Fajom
Pato (?) com arroz
Iscas com *H.*
Frango com irvilhas
Omelete... de choriço
Michilhon.
Peiche cozido
Piscadinhas
Celada de camaron
Dita de alfacia

Frutas

Murangos
Queijo Felamengo (?)
Amendoas torradas (?)
Larangas
Queigadas

Vinhos

Porto, Duc, cerveja, gazoza, ginebra, Caffé.



A camara municipal de Lisboa, attendendo ás reclamações da poesia satanica mandou pôr um bocadinho de asphalto na rua do ouro, afim de que as Venus modernas, á falta de boulevards, não se vissem forçadas a andar todo o dia no passeio da rua do Alecrim, calcando o asphalto, seduzindo os provincianos, levando presos aos seus cabellos côr de manteiga os filhos familias, depravando os deputados da maioria, e corrompendo os estudantes do lyceu. Agora o centro da corrupção é na rua do ouro, ao pé do cambista Silva. Temos: asphalto e cautellas. Eis-nos sobre o cairel do abysmo. Vidal e a *Gazeta do Dia* reclamam.

O DIA 25 DE MAIO

Além da famosa data de 19 de maio, Lisboa conta tambem a de 25. Uma terrivel para o partido historico—a outra para os inquilinos.

*

Na terça feira ultima, aos raios d'um sol abrasador, Lisboa offerecia o aspecto d'um povo de astrologos, prescrutando os mais insondaveis mysterios da natureza, nas alturas—das trapeiras.

A multidão enchia as ruas, povoava os largos, e erguendo a cerviz fazia esforços sobrehumanos por descobrir a olho nu, não um planeta, mas simplesmente um compartimento—a preço reduzido

*

As figuras sinistras dos proprietarios devisavam-se pelas fisgas das portas, com grandes coleras e barbas á particular. Elles não exigiam a cabeça dos inquilinos,—os simples;—elles não se mostravam sedentos de sangue,—os bons!—Dessem-lhe mais 50 por cento sobre as rendas anteriores e contentar-se-hiam.

*

Tudo o que a natureza humana tem de mais sombrio, de mais inconsolavel, de mais triste, estava sobre as faces dos miseros, que, não podendo pagar a renda, ficavam sem ter aonde caíssem mortos.

Coitados!

*

Em compensação os poetas lyricos espanejavam-se ao sol, alegres como os pardaes, sem preocupações, sem cuidados, sem ancias, no meio d'uma população afflicta á procura de casa. Ditosos! Eram os privilegiados n'este dia de horror, porque sempre em suas poesias, tinham repudiado o ignobil mister de ter casa, exclamando:

«O teu amor e uma cabana!»

*

N'este dia podia-se ver quanto o ostudo das linguas mortas, junto á necessidade fatal de procurar casa, é prejudicial a sua parte do sexo fragil.

Duas interessantes borboletas, encontram-se no Chiado.

—Que fazes tu? Procuras casa?

—Que remedio!

—Então mudaste-te?

—Mudo-me!

—Parece incrivel, tendo uma casa tão bonita.

E o Arthur?

—Ah! minha amiga! *Variatio delectat.*

*

Alberto, bacharel em direito, tinha-se recolhido ás 3 horas da manhã. Os bachareis são os unicos romanticos que existem hoje. Vinha caçado, cheio de somno. Atirou-se para a cama e adormeceu.

Oito horas a darem, e a porta a ir dentro com pancadaria.

—Quem é? quem é? perguntou elle ainda meio adormecido.

—Faz favor d'abrir, queremos ver a casa.

—Não abre! A casa do cidadão é inviolavel.

Alberto tinha muitissima razão. A carta constitucional é precisa n'este ponto e ninguem o poderá censurar; elle estava dentro da lei—e da cama.

*

O sr. Saraiva de Carvalho foi visto em Belem de manhã, examinando se o palacio da Ajuda já tinha escriptos. S. ex.^a tem-se descuidado um pouco. Vamos a vêr se, para o semestre seguinte, se realisa esse prognostico, ardentemente desejado por muita gente em Portugal.

Ficamos de atalaia.

O DIA 25



De como a mesma questão pôde
ter dois lados tão diferentes:

um medonho

outro: oh! delicia!

SCENAS

I

Chagas é mestre no drama!
No drama não tem rival.
Inflamado em nobre chamma,
Chagas é mestre no drama.
Chega a Aveiro a sua fama
E chega a Villa-Real.
Chagas é mestre no drama
No drama não tem rival.

II

Santos no drama do povo
Arrebata os corações;
É um typo todo novo
Santos no drama do povo.
Vem até de Porto-covo
Gente fazer-lhe ovações.
Santos no drama do povo
Arrebata os corações.

III

No drama do povo tudo
Revella philosophia
Acho, quanto mais o estudo,
No drama do povo, tudo.

Tem coisas de grande estudo
E outras de grande alegria
No drama do povo tudo
Revella philosophia.

IV

Este drama é um espelho
Da doutrina libaral.
De moral é um conselho
Este drama é um espelho.
Já não quer outro evangelho
O corpo commercial.
Este drama é um espelho
Da doutrina libaral.



LANTERNA MAGICA

NUMERO 3 — 1.º ANNO

RUA DO PRINCIPE 23, — I. ANDAR. — LISBOA

VENDA AVULSO, 60 RS.

Typographia de Christovão Augusto Rodrigues
145—Rua do Norte—145.